



ACÇÃO MÉDICA

ANO LXXXVIII N.º 2 | ABRIL/JUNHO 2025

JOVENS NA MEDICINA:
CHAMADOS A
CUIDAR, DESAFIADOS
A TESTEMUNHAR



SUMÁRIO

TEMA DE CAPA	3
EDITORIAL	5
Equipa Editorial da Acção Médica	
MISSÃO PAÍS:	7
UMA LUZ DE ESPERANÇA PARA OS JOVENS MÉDICOS Pe. Miguel Cabral	
A IMPORTÂNCIA DA EMPATIA NOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE	11
António Marques da Costa	
FIAMC LETTER TO MEDICAL STUDENTS AND YOUNG PHYSICIANS	17
John I. Lane, MD	
O FUTURO DA MEDICINA NAS MÃOS DOS JOVENS	21
— ESPERANÇA OU INCERTEZA? Entrevistadora: Marta Campos Ferreira Brum Feijão Entrevistados: Dr. Fernando Maymone e Luísa Maymone	
TESTEMUNHOS DO JUBILEU DOS DOENTES E DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE	29
Edição e reflexões iniciais e finais: Marta Campos Ferreira Brum Feijão Testemunhos: Matilde Costa Cabral e Manuel Guerra	
RUBRICAS	35
SANTO DA REVISTA	37
O VENERÁVEL GUIDO SCHAFFER: TESTEMUNHO PELA VOZ DA IRMÃ..... Angela Schaffer Isnard	
ACÇÃO MÉDICA HÁ CINQUENTA ANOS	43
Walter Osswald	
RESUMOS	47
ABSTRACTS	51



ACÇÃO MÉDICA

ORGÃO E PROPRIEDADE DA A.M.C.P.
ANO LXXXVIII N.º 2 | ABRIL-JUNHO 2025

FUNDADOR | José de Paiva Boléo
DIRECTOR | José Diogo Ferreira Martins (jdferreiramartins@gmail.com)
EQUIPA EDITORIAL | António Ferreira da Silva SJ (aferreiradasilvasj@jesuits.net), Pedro Ferin Cunha (pferincunha@gmail.com), Marta Brum Feijão (s-mfeijao@ucp.pt), António Marques da Costa (s-argmcosta@ucp.pt)
CONSELHO CIENTÍFICO | J. Paiva Boléo-Tomé, Walter Osswald, Levi Guerra, José Pinto Mendes, Henrique Vilaça Ramos, Lesseps L. dos Reys
ADMINISTRADOR | João Paulo Malta

NÚMERO DE IDENTIFICAÇÃO | 501 983 58
ISSN – 0870 – 0311 – International Standard Serial Number
DEPÓSITO LEGAL N.º 28367/89 – Dep. D.G.C.S. n.º 106542
ADMINISTRAÇÃO | R. Arceidiago Van Zeller, 50 – 4050-621 Porto
SECRETARIADO EDITORIAL | Leopoldina Reis Simões
www.medicoscatolicos.pt | e-mail: medicoscatolicos.pt@gmail.com
DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO | Rita Gomes – ritapsgomes@gmail.com
PRODUÇÃO | exhibitat® Design to Reality | TIRAGEM 310 exemplares

ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS PORTUGUESES
SEDE | R. Arceidiago Van Zeller, 50 – 4050-621 Porto
MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA | R. 13 de Maio, Edf. Fonte Nova, 35 B – 2495-414 Fátima
SECRETARIADO E COMUNICAÇÃO | Leopoldina Reis Simões
www.medicoscatolicos.pt | e-mail: medicoscatolicos.pt@gmail.com

DIRECÇÃO NACIONAL
PRESIDENTE | Margarida Neto
VICE-PRESIDENTE | Maria João Lage
SECRETÁRIA | Teresa Souto Moura
TESOUREIRA | Marta Jonet
VOGAIS | Ana Sarmento, Eva Palha, Leonor Antunes, João Paulo Malta, Luís Mendes Cabral
ASSISTENTE ESPIRITUAL | P. Miguel Cabral

NÚCLEOS DIOCESANOS (PRESIDENTES)
BEJA: Edmundo Bragança de Sá | COIMBRA: José Augusto Simões | FARO: Santos Matos | GUARDA: João José Reis Pereira | LISBOA: Vasco Magalhães Ramalho | PORTALEGRE/CASTELO BRANCO: Isabel Marques Jorge | PORTO: João Quinzã | SANTARÉM: Eva Palha | VILA REAL: Maria Goretti Rodrigues | VISEU: João Morgado

Por decisão da Direção, a «Ação Médica» não obriga os autores a seguirem o Acordo Ortográfico.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PAGAMENTO ADIANTADO
ASSOCIADOS DA A.M.C.P., desde que a quotização esteja regularizada, recebem a revista sem mais encargos:
Por ano, por correio 50,00 €
Por ano, no e-mail 40,00 €
NÃO ASSOCIADOS
Portugal
Um ano (4 números) 25,00 €
Avulso 7,00 €
Estrangeiro acrescem as despesas de envio
Estudantes 10,00 €



TEMA DE CAPA

EDITORIAL

Revista *Acção Médica*

Equipa Editorial da *Acção Médica*

Os jovens, estudantes de Medicina ou recém-formados, são hoje chamados a enfrentar enormes desafios — mas também a abraçar oportunidades únicas de renovação. Esta edição da *Acção Médica* dirige-se especialmente a vós, jovens médicos e estudantes, que estais a começar ou a consolidar o vosso caminho na arte de cuidar. Porque a vossa energia, a vossa capacidade de sonhar e a vossa sede de sentido podem transformar a Medicina num verdadeiro testemunho de humanidade e fé.

Mais do que nunca, a sociedade precisa de profissionais competentes, mas também de pessoas humanas com coragem de testemunhar valores. A Medicina não é apenas um conjunto de técnicas e procedimentos; é, acima de tudo, um encontro. Um encontro que se faz no terreno da fragilidade humana, onde o médico é chamado não só a intervir, mas a estar presente, a ouvir e, a cima de tudo, a acompanhar. Este cuidar, para ser pleno, implica também testemunhar: testemunhar a dignidade da vida, a compaixão, a esperança, a confiança.

Neste número, propomos olhar de frente para esta dupla missão: cuidar e testemunhar. Sabemos que as novas gerações enfrentam pressões imensas — notas altas, provas constantes, ritmos extenuantes — e que o ideal de serviço pode ficar abafado pelas exigências do mercado e pela cultura do rendimento. Mas sabemos também que, no coração de muitos jovens, permanece viva a chama de querer fazer da Medicina algo maior, algo que ultrapasse a técnica e chegue verdadeiramente ao coração do doente.

É essa chama que queremos alimentar. Queremos mostrar, que é possível integrar excelência técnica e coerência ética, competência científica e sensibilidade

espiritual. É possível e necessário. Num tempo de avanços tecnológicos vertiginosos e de inteligência artificial, não podemos deixar que a relação humana se perca. O médico católico — especialmente o jovem médico — é chamado a ser sinal de proximidade, a estar ao lado de quem sofre, a ser testemunha de que a vida vale sempre a pena.

Ao longo destas páginas, encontrarão histórias e testemunhos que encorajam esta postura. Experiências de estudantes que descobriram a força da fé no meio dos estudos, médicos experientes que continuam a viver a vocação com alegria, reflexões sobre os riscos e os desafios de um futuro cada vez mais tecnológico. São vozes que nos ajudam a manter viva a convicção de que a Medicina continua a ser, antes de tudo, um serviço ao próximo — e que esse serviço pode e deve ser vivido como sinal do Evangelho.

Por isso, convidamos-vos a ler com atenção, a refletir, a dialogar. A perguntar-vos: que médico quero ser? Como posso cuidar melhor? E como posso testemunhar melhor? Porque a Medicina precisa de jovens generosos, disponíveis para servir e para se comprometer, mas também corajosos para afirmar princípios, defender a dignidade humana e viver a alegria de ser discípulos de Cristo no mundo da saúde.

Esperamos que este número seja uma fonte de motivação e esperança. Que ajude cada um de vós a descobrir a beleza de ser médico, chamado não só a curar, mas a cuidar — e desafiado a testemunhar.

MISSÃO PAÍS:

uma luz de esperança para os jovens médicos

Pe. Miguel Cabral¹

Se há trinta anos atrás, quando eu era finalista do curso de medicina e assistia às aulas nos anfiteatros da Faculdade ou tinha as aulas práticas nas enfermarias do hospital de Santa Maria, me tivessem dito que havia de ser sacerdote e ser assistente espiritual de estudantes de medicina, não acreditaria. Disparate, pensaria, a quem ocorreria tal cenário. Isso estava totalmente fora de questão nos meus planos. Mas não nos planos de Deus. Vários anos mais tarde, terminada a especialidade em Oncologia, haveria de rumar para Roma, a Cidade Eterna, onde estudei teologia cinco anos. Já sacerdote, regresssei a Portugal em 2010. “Os desígnios de Deus sobre nós são insondáveis e impenetráveis os seus caminhos” escreveu São Paulo (Rm 11, 33). Quantas graças tenho de dar a Deus.

Mas, se me dissessem, também há trinta anos, que seria possível reunir sessenta estudantes de medicina (com lista de espera!) durante uma semana por ano, lá pelas alturas do Carnaval e abdicando das suas férias, para estar em missão a viver uma experiência marcante da fé católica e anunciar o evangelho às populações, habitualmente rurais, isso ainda me parece uma impossibilidade maior. Porque não dependia da resposta vocacional de apenas uma pessoa, mas são às centenas os universitários que respondem

1 Sacerdote e médico oncologista, autor do livro *A Experiência do Limite Humano — Testemunho pessoal em tempo de Covid*, e assistente espiritual da Missão País na Faculdade de Medicina da Universidade Nova de Lisboa, dedicado ao acompanhamento dos jovens médicos na vivência da fé cristã.

ao desafio de viver mais intensamente a fé, numa sociedade que parece mais secularizada, mas em que se também se torna patente a sede de Deus que existe no coração de todos.

É isso que acontece na Missão País. Por todo o país, milhares de jovens de muitas faculdades e diferentes universidades (a edição de 2025 da Missão País teve cerca de 4 200 estudantes universitários, provenientes de 60 faculdades, que participaram durante uma semana em 73 localidades de Portugal). Desde há sete anos que tenho o privilégio de acompanhar os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Nova de Lisboa. Já se contam por centenas os rapazes e raparigas que acompanhei. Seria impensável há umas décadas atrás. No meu curso, desde logo, impossível. Não apenas porque éramos menos, mas também porque menos comprometidos com a Igreja. É um milagre, ainda oculto para muitos, mas que tem transformado tantos corações.

Numa época em que com facilidade podíamos apontar sinais de declínio, motivos de pessimismo pelo abandono da fé, secularização, degradação dos costumes, ausência de Deus, o que se está a passar com a Missão País é um verdadeiro sinal de esperança, da certeza que Deus não nos abandona e está bem presente nas novas gerações.

Gosto de pensar na semana da Missão País como um “cristianismo sobre rodas”, a experiência de viver a fé na prática: missa diária, confissão (quase todos aproveitam para se confessar e ter uma conversa mais profunda com o sacerdote), uma tarde de retiro, oração diária de manhã e à noite (não cinco minutos, mas pelo menos meia hora), terço, noite de Adoração do Santíssimo, catequese, às vezes via sacra ou peregrinação de algumas horas a Fátima ou outro santuário, consoante o local da Missão, noite de dúvidas de fé, etc. Além de animar nos lares de idosos, visitas às casas no “porta a porta” - ao estilo das antigas missões populares, com ícone de Nossa Senhora e sorrisos jovens para que se abram as portas de par em par a grupos de jovens e se proporcionem conversas amenas, partilha de fé e alguma iguaria que nunca falta oferecerem -, teatro, convívio com as famílias e comunidades locais e um longuíssimo etcétera, porque seria impossível relatar tudo o que acontece ao longo daquela semana.

E não se pense que estão confortavelmente instalados, nada disso. Rapazes de um lado e raparigas noutro lado, dormem no chão, em sacos de camas, apinhados em salas improvisadas, madrugam para poder tomar banho, deitam-se tarde porque o tempo não chega para tudo o que é preciso fazer e as conversas e partilhas entre eles não têm fim. E, à medida que a semana avança, o cansaço acumula-se, as olheiras agravam-se e

os corações dilatam-se. “Criaste-nos, Senhor, para Ti e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti”. Estas conhecidas palavras Santo Agostinho têm uma verificação empírica ao longo de cada ano. Sem televisão, sem séries, com pouco telemóvel, sem excessos, sem discotecas, mas com muitos cânticos e com muitos sorrisos e gargalhadas de uma autêntica alegria, mais profunda, sobrenatural. Aquela alegria para a que fomos criados por Deus, e que tantos procuram em sucedâneos que sempre se revelam insuficientes. Para muitos, é a primeira descoberta da beleza da fé, do atrativo da autenticidade do Evangelho, da atualidade do cristianismo.

Naqueles dias Jesus Cristo deixa de ser um personagem histórico, mas passa a ser um Amigo, que caminha ao nosso lado, e enche de sentido a nossa vida. Para alguns, desiludidos pela experiência de uma catequese demasiado infantil e incapaz de dar respostas aos desafios do mundo atual, acende-se uma luz capaz de iluminar as suas vidas para nunca mais se apagar. Aconteça o que acontecer, aquela luz brilhará para sempre nos seus corações porque, como muitos me confidenciaram, aquela foi a semana mais feliz das suas vidas, a semana em que descobriram Jesus.

Os milagres são muitos, em todas as Missões. Daqueles que toco com as minhas mãos de sacerdote, mas que não passam despercebidos aos olhos dos amigos mais atentos: conversões, confissões depois de anos afastados de Deus, choros e risos, regresso à prática cristã, batismos, crismas, namoros sérios e já alguns casamentos (“Missão Paixão”, como se diz entre eles), algumas vocações para o sacerdócio ou para o celibato apostólico, ações de voluntariado, núcleos católicos nas diferentes faculdades, etc. No caso da Missão País da faculdade de medicina da Nova, eram tantos os candidatos que desde há três anos já temos duas missões.

Para outros, sobretudo se menos apoiados numa paróquia, comunidade de vida cristã ou grupos de amigos, aquela luz brilhará com menos intensidade, é a vida. Mas, acredito, que jamais se extinguirá. Um dia, quando Deus quiser, iluminará novamente com força, e com essa luz escutarão no seu coração: “naquela semana, tão cansativa e em que rezaste tanto, foste mesmo feliz. Volta lá atrás e recomeça a tua vida com Jesus”.

Estamos no Ano Jubilar da Esperança. Não é verdade que temos aqui tantos motivos para olhar o presente do futuro com otimismo cristão? Cabe-nos a nós tirar partido deste número tão grande de médicos e futuros médicos que passaram por esta experiência e que nos hospitais e centros de saúde, com os colegas, nas suas famílias, nas suas vidas, têm a obrigação de fazer render esse talento que receberam nas semanas em que participaram

na Missão País. E ali, onde estiverem, serão fermento de santidade, de espírito cristão, de unidade e caridade.

Não podemos desperdiçar estas gerações, temos de as continuar a reunir e formar, para criar uma nova geração de médicos competentes, e autenticamente católicos, fiéis aos ensinamentos do magistério da Igreja nos constantes desafios éticos que se nos apresentam.

Pensava também nos vulcões. Alguns parecem em silêncio, parados no tempo. Mas lá dentro, na cratera, está tudo em ebulição. Um dia, o vulcão entrará em erupção e a sua lava incandescente queimará o que está mal. Rezo para que isso aconteça. Temos matéria-prima, e muito boa. Queira Deus que a Associação dos Médicos Católicos e outros na Igreja sejam capazes de tirar partido destas gerações para ajudar a edificar uma medicina mais humana e mais divina. Nesta nova época duma medicina cada vez mais tecnológica e da emergência da inteligência artificial precisamos de médicos do corpo e da alma, que sejam testemunhas credíveis do evangelho. Contem com as minhas orações.

A IMPORTÂNCIA DA EMPATIA NOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

António Marques da Costa¹

Quando vamos ao médico por causa de um problema de saúde aquilo que mais esperamos é certamente uma solução para o mesmo. Queremos sair de lá descansados ou, mesmo que recebamos a notícia de que o problema é bastante grave, que ao menos nos seja garantido que vamos ser devidamente acompanhados e que serão feitos todos os possíveis para assegurar o nosso bem estar.

Ora, às vezes o médico até nos resolve o problema: diagnostica corretamente a doença, prescreve a medicação mais acertada ou encaminha-nos para o tratamento adequado. A consulta foi bem orientada e a solução foi encontrada. Ainda assim, não saímos do consultório descansados, mas antes duvidosos, céticos e por vezes até nos sentimos desprezados... Poderá não ter sido pelo tempo de espera, nem por falta de competências da parte do médico, uma vez que o problema ficou resolvido. O incómodo poderá advir, antes, da natureza da consulta em si. Por outras palavras, a razão deste desconforto pode estar na capacidade do médico compreender emocionalmente a pessoa que tem diante de si, isto é, a capacidade de sentir e/ou gerar empatia. A falta desta pode ser desastrosa

É certo que agora poderia enumerar casos e exemplos sobre empatia no setor da saúde. Afinal de contas esta introdução dá a ideia que o tema que discuto tende nessa direção. No entanto, com este texto procuro algo

¹ Estudante do 3.º ano do Mestrado Integrado em Medicina da Universidade Católica Portuguesa, membro da equipa editorial da Ação Médica.

diferente. Não pretendo discutir a empatia por si só. O meu propósito é debruçar-me sobre uma análise realizada em 2016 por um grupo de investigadores da Universidade de Flinders, em Adelaide, no sul da Austrália, que procurava estudar a relação entre a empatia e várias variáveis.

Contrariamente aos estudos “clássicos” onde são analisados números ou estatísticas, este estudo foi puramente qualitativo. O foco dos investigadores cingia-se naquilo que os participantes diziam e sentiam. Analisaram múltiplas conversas de modo a encontrar padrões.

Neste estudo foram convidados 3 grupos de participantes. Todos os alunos matriculados no curso de medicina da Universidade de Flinders. Todos os médicos do setor privado que exercem em localidades rurais e urbanas onde os alunos da universidade fazem estágios clínicos comunitários. Por fim também foram convidados todos os médicos da rede de saúde pública local que abrange toda a extensão sul de Adelaide.

Todas as entrevistas foram depois transcritas e submetidas a uma análise temática. Durante a análise das entrevistas transcritas foram identificados padrões ou temas que surgiam constantemente.

O que de aqui transpareceu, foi que os estudantes e os médicos exprimem as suas emoções de forma diferente. Muitos dos estudantes reportaram sentirem-se tristes e sobrecarregados ao “assistir” ao sofrimento. Contrariamente, os médicos admitiram estarem mais focados em resolver os problemas diante deles e estavam mais acostumados a esconder as suas emoções. Apesar de muitos estudantes terem afirmado nas suas respostas que a empatia é uma qualidade importante para os médicos, assim como para a relação médico-paciente, e que melhora a qualidade dos cuidados de saúde. Note-se que uma outra afirmação também muito comum neste estudo foi: “A estrutura do ensino médico tende a esvaziar os alunos de empatia. É nos constantemente dito que devemos ser empáticos, enquanto a nós não nos é mostrada qualquer empatia.”

Este aspeto é importante quando falamos da questão da empatia, uma vez que este estudo nos mostra que inicialmente os estudantes de medicina são bastante empáticos com as pessoas que têm diante de si. Neste sentido, sentem-se muitas vezes tristes ou bloqueados quando vêm doentes a sofrer. Com o seu progresso na carreira, ao tornarem-se jovens médicos, muitos começam a esconder as suas emoções e em geral deixam de conversar com outros sobre aquilo que sentem. Tudo isto pode levar ao desvanecimento da empatia por parte dos profissionais de saúde, o que, consequentemente, tem um impacto não só em si mesmos, como também nos próprios doentes.

A falta de empatia afeta muito a relação entre médico e doente, uma vez que pode gerar um ambiente desconfortável para o doente e uma quebra de confiança, na medida em que o doente poderá não se sentir à vontade para falar sobre a sua vida pessoal com o médico. Como sabemos, é de extrema importância que durante a entrevista clínica haja confiança total entre o médico e a pessoa doente, de modo a que o médico possa registrar toda a informação relevante. A omissão de detalhes por parte da pessoa pode levar a uma história clínica pobre com um impacto direto no diagnóstico e, conseqüentemente, no tratamento do doente. Logo, é importante que um médico perdure como pessoa empática que saiba lidar com as emoções da pessoa diante de si.

Ainda que não seja pelo impacto na colheita da história clínica, são muitos os pacientes que procuram apoio psicológico e emocional para além do tratamento das suas doenças quando falam com um médico. Sabemos também que a saúde mental tem um impacto direto na vida dos pacientes. Assim sendo, enquanto estudantes de medicina, ou médicos, a nossa empatia para com os nossos doentes é uma ferramenta fundamental que temos ao nosso dispor. Até porque uma revisão sistemática feita por Neumann et al. (2011) mencionada neste estudo concluiu que o declínio da empatia durante o curso de medicina e o internato afeta o desenvolvimento do profissionalismo dos jovens médicos assim como a qualidade dos cuidados de saúde.

A “perda de empatia” dos estudantes de medicina ao longo da sua carreira, foi reportada por vários autores numa série de países, particularmente nos anos clínicos do curso. No entanto os resultados não são homogêneos, isto é nas faculdades de medicina no Japão, Portugal, Austrália e no Reino Unido foi demonstrado que houve um declínio de empatia pouco ou nenhum. Já em estudos feitos em faculdades de medicina no Irão, Nova Zelândia, e nos Estados Unidos (Florida, Boston, e Philadelphia) concluíram que o declínio da empatia nos estudantes é algo comum. É claro que se considerarmos que em todos estes países existem diversos fatores que contribuem para a variação dos resultados, nomeadamente fatores culturais, religiosos, socioeconómicos, etc., conseguimos entender que a empatia na sua essência não é algo mesurável. Isto é cada um de nós pode acabar por ter uma ideia diferente daquilo que é a empatia, e a análise que faz da mesma é altamente influenciada pelo meio que o rodeia.

Independentemente da percepção que os participantes deste estudo tiveram sobre a empatia no meio académico ou no local de trabalho, todos eles, desde estudantes, a médicos do setor de saúde privada salientaram a

importância da mesma. Como referi no parágrafo anterior uma das afirmações que foi feita por muitos dos participantes foi exatamente a incerteza sobre o significado da empatia. Muitos dos estudantes afirmaram também que é necessário fazer mais no que toca em ajudar os alunos de medicina a desenvolver as suas competências clínicas em torno da empatia.

Já quanto às respostas dos médicos, foram vários os que descreveram a empatia como um bem necessário para a relação médico-doente, reconhecendo também que esta relação requer “limites”.

Neste estudo vários participantes salientam o conflito analisado num estudo por Kerasidou A, Horn R. (2016) onde sublinham: que “a empatia é um aspeto importante nos cuidados de saúde, mas que o seu fardo emocional não pode ser negado”.

Ora como podemos ver, mesmo com dezenas de estudos, análises, meta-análises, estatísticas, não-estatísticas, é sempre possível arranjar um resultado que favoreça a nossa posição. Mas para mim a empatia transcende tudo isto, todos os números e “papers” académicos.

Ser empático para com alguém não é um procedimento, nem sequer algo que possamos, por assim dizer, quantificar. A empatia é talvez uma das qualidades que nos distingue (seres humanos) do reino animal, que faz de nós criaturas feitas á imagem de Deus. Aliás se andarmos bem para trás no tempo (nomeadamente umas dezenas de milhares de anos) vemos como a empatia teve desde sempre presente em nós, sendo a prova milenar da mesma, a medicina pré-histórica... Quebrámos as leis da natureza, no sentido em que no resto do reino animal quando um membro do grupo está fraco, ele é deixado para trás. Quando se encontraram as primeiras ossadas com marcas de ossos cicatrizados e restos de talas, foi de facto quando se verificou que **NÓS** seres humanos decidimos tomar conta dos nossos enfermos, e assim começou a nossa civilização. Tudo graças à empatia. Pois segundo a sua definição: “Compreender a pessoa a partir do seu quadro de referência em vez do nosso próprio, de maneira que se vivenciem os sentimentos percepções dela (Dic. APA 2006).” Esta foi originalmente definida por Theodore Lipps (1851-1914): “O conceito de *Einfühlung* teoriza que a pessoa se projeta no objeto precebido, pelo que pode ser dita como “o gozo objetivado do “Eu” ”.

Lipps distinguiu quatro tipos de empatia: (1) Empatia apreceptiva geral (2) Empatia empírica (3) Empatia do humor (4) Empatia pela aparência sensível do ser vivo. Sentir empatia é mais que sentir simpatia ou ter piedade. Ser empático envolve uma compreensão profunda dos sentimentos, desejos, pensamentos e valores do outro.

A empatia, entre a simpatia e a antipatia, faz parte de quem somos. Por isso quando nos deparamos com a questão do declínio da empatia nos profissionais de saúde, estamos diante de algo maior que abrange não só aqueles mas sim todos nós. Já Lipps afirmava que a empatia depende da atividade envolvida no ato consciente. O mesmo também considerou que há duas classes de experiência consciente, o próprio sentimento e as relações vividas.

Quando há despersonalização A razão pela qual somos cada vez menos empáticos, deve se à perda dos nossos sentimentos e valores.

É certo que nas últimas décadas tivemos vários avanços, tanto tecnológicos como sociais. Erradicámos pragas, doenças, e felizmente em muitos cantos do mundo a fome já é uma “coisa dos livros de história”. Chegámos à Lua, e até conseguimos separar os átomos! Todos estes avanços permitiram nos alcançar uma abundância nunca antes vista, para muitos de nós o nosso maior problema quando acordamos de manhã é escolher aquilo que vamos vestir, tudo o resto damos por mais ou menos garantido. Por darmos tudo por garantido na nossa vida acabamos por perder empatia.

São muitos os estudantes de medicina que tem um desejo genuíno de ajudar os outros e, de maneira especial, ajudar aqueles que se encontram mais vulneráveis. Ora, por vezes a pressão de exames, exigências profissionais e o esgotamento emocional podem levar muitos a esquecer o seu propósito original, para não ceder às derivas civilizacionais anteriormente referidas.

É necessário parar e refletir, de modo a recentrarmo-nos naquilo que é verdadeiramente importante na medicina, aquilo que nos pode tornar verdadeiros cuidadores de saúde empáticos.

FIAMC LETTER TO MEDICAL STUDENTS AND YOUNG PHYSICIANS

(republished from FIAMC

<https://www.fiamc.org/fiamc/presidency/dr-bernard-ars/fiamc-letter-to-medical-students-and-young-physicians/>)

John I. Lane, MD¹

I wish it need not have happened in my time,” said Frodo. “So do I,” said Gandalf, “and so do all who live to see such times. But that is not for them to decide. All we have to decide is what to do with the time that is given us.”

J.R.R. Tolkien, The Lord of the Rings

I write you at the request of our president, Dr. Bernard Ars, to encourage you in your vocations during these challenging times. It is often said that in Medicine we stand on the shoulders of giants, the men and women who proceeded us, advancing the science and practice of Medicine for the benefit of our patients and society. We owe a great debt to our predecessors whose work and study have led to the relief of much suffering and extended our life expectancies to a point that would have been unimaginable

¹ Médico norte-americano, especialista em neurorradiologia, com formação e docência na Mayo Clinic, nos Estados Unidos. Reconhecido não só pela sua carreira acadêmica e clínica, mas também pelo profundo compromisso com a vivência da fé católica, procurando integrar os valores cristãos na prática médica e na reflexão bioética, tendo colaborado em iniciativas de inspiração católica dedicadas à humanização da Medicina.

a century ago. However, during this same period of rapid expansion of scientific and medical knowledge, the philosophical foundations of science (or natural philosophy as it was known to our medieval forebearers) have been eroded to the point where even absolute physical truths (let alone moral truths) are denied, even by the supposedly reputable medical establishment. The founding fathers of the United States took for granted the existence of these *self-evident* Truths upon which our God-given human rights are established. In the Declaration of Independence they specifically attribute these Truths to the “Laws of Nature and to Nature’s God.” As a culture we have now called those Truths into question, and in doing so we have created an environment where medicine and science itself becomes a political exercise, a Nietzschean *will to power*.

How did we come to this juncture? To answer this question, it is useful to consider the rise and fall of the university in Western Civilization. These institutions arose out of the Cathedral Schools that were established toward the latter half of the first millennium for the education and training of clerics. They soon expanded to include young laymen interested in formal higher education. By the turn of the first millennium universities with papal charters were established at Padua, Paris, and Oxford. By the time of the Reformation, there were 81 universities with papal or royal charters throughout Western and Eastern Europe. The curriculum was composed of the 7 liberal arts (**arithmetic, geometry, astronomy, music theory, grammar, logic, and rhetoric**) and the 3 Aristotelian philosophies or **sciences** (physics, metaphysics and moral philosophy). Theology grew out of the study of moral philosophy and was referred to as the Queen of the Sciences, a rather strange-sounding moniker to the modern ear. Properly understood, the other arts and sciences taught us **what we could do**, but only theology could teach us **what we ought to do**. It provided the **unitive** principle upon which the **university** system was built. Professors of this discipline occupied the most prestigious positions and often garnered the largest share of university resources.

This all changed with the explosive success of the experimental sciences beginning in the 18th century in the wake of the Age of Enlightenment. By the late 19th Century, the Physical Sciences had replaced Theology as the most prestigious of academic disciplines. Science now attempts to usurp Theology as a unifying principle of the university but of course lacks any capacity to do so. It cannot tell us what we **ought** to do. In fact, it is often animated by what has been referred to as the Technological Imperative (**if we can do it, we ought to do it**). The **university** has devolved into

the **diversity**, a conglomerate of independent silos of knowledge without a cohesive unifying principle. This mindset has created an environment in which if something cannot be measured or quantified, it does not exist. As a result, we have come to live in a world without God.

As Christian physicians, how are we to respond? My advice is to always keep before you the theological principle of the **Imago Dei**. We are all made in the image and likeness of God. This principle will guide you in deciding what you ought to do, and what treatment will be in the best interest of your patients. It embodies a proper Christian anthropology that can illuminate God's plan for your life and the lives of your patients. The Church has spoken forcefully on this principle, particularly in **Donum Vitae** and **Dignitas Personae**. Both Saint John Paul II, in **Fides et Ratio**, and Benedict XVI, in his **Regensburg Address**, have eloquently argued that Reason needs Faith, and Faith needs Reason. One will check the excesses of the other and both disciplines will be the better for it.

From a technical perspective, be the best physician you can be. Your professional expertise will give credence to your Christian witness. The vocation of the Christian physician will not be lived without conflict, given some of the more toxic aspects of our culture. There will be crosses to bear. Avail yourself of the sacraments frequently. Graces will abound. Lean on your fellow Catholic physicians for guidance and support. Join your national and international Catholic Medical Associations....and pray unceasingly. **Oremus ad invicem.**

O FUTURO DA MEDICINA NAS MÃOS DOS JOVENS

— esperança ou incerteza?

Entrevistadora: Marta Campos Ferreira Brum Feijão

Entrevistados: Dr. Fernando Maymone¹ e Luísa Maymone²

A transmissão de valores entre gerações na Medicina é um tema incontornável, sobretudo num contexto de acelerada transformação tecnológica e social. Nesta edição da *Acção Médica*, propomos uma reflexão sobre *O futuro da Medicina nas mãos dos jovens: esperança ou incerteza?*, dando voz a duas gerações da mesma família: o Dr. Fernando Maymone, médico cardiologista pediátrico já reformado, e a sua neta, Luísa Maymone, estudante do primeiro ano de Medicina, a quem passa o seu testemunho. Moderada por Marta Brum Feijão, esta conversa percorre memórias, motivações e desafios, num diálogo marcado pelo testemunho cristão e pela paixão pela Medicina.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Muito bom dia, obrigada pela vossa disponibilidade para esta conversa, que será publicada na revista *Acção Médica*, da Associação dos Médicos

1 Médico cardiologista pediátrico, reformado, com vasta experiência clínica e de gestão hospitalar, nomeadamente no Hospital de Santa Cruz. Manteve ao longo da carreira um forte compromisso com os valores da Medicina católica, tendo sido membro ativo da direção da Associação dos Médicos Católicos Portugueses e colaborador em projetos de formação e promoção da ética médica cristã.

2 Estudante do primeiro ano do Mestrado Integrado em Medicina na Universidade NOVA de Lisboa, neta do Dr. Fernando Maymone.

Católicos Portugueses. O nosso tema, como já partilhei, gira em torno do futuro da Medicina nas mãos dos jovens: esperança ou incerteza? Pretendemos refletir sobre a passagem de testemunho entre gerações, nomeadamente entre avós e netos, e também sobre a dimensão vocacional da Medicina no contexto dos médicos católicos.

LUÍSA MAYMONE:

Bom dia.

DR. FERNANDO MAYMONE:

Bom dia, vamos a isso.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Começo então por perguntar ao Dr. Fernando: o que o levou a escolher Medicina, numa época tão diferente daquela em que hoje vivemos?

DR. FERNANDO MAYMONE:

É curioso, porque inicialmente equacionei seguir Arquitetura, era a alternativa mais forte que tinha em mente. O meu pai, que também era médico, tinha muito gosto em que eu seguisse Medicina. Mas sempre senti que a decisão tinha de ser minha, não apenas por influência dele. Acabei por refletir bastante e percebi que, apesar de tudo, a Medicina me atraía imenso, e não era pelo simples desejo do meu pai que eu ia desistir desse caminho. Assim, fiz essa escolha, e devo dizer que nunca me arrependi. Estou profundamente satisfeito por ter sido médico todos estes anos.

MARTA BRUM FEIJÃO:

E sentiu, logo desde o início, a Medicina como uma vocação no sentido cristão, ou foi algo que foi desenvolvendo?

DR. FERNANDO MAYMONE:

Acho que, no início, foi mais uma questão de gosto pela profissão. O sentido cristão foi amadurecendo ao longo do curso e, sobretudo, no exercício profissional. Ainda assim, mesmo como estudante, sentia essa dimensão cristã, rezava muitas vezes antes dos exames, pedia a Deus que corresse bem, mas entregava sempre ao Seu critério. Já o sentido mais profundo da Medicina como serviço cristão aos outros consolidou-se mais tarde, na prática médica do dia a dia.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Luísa, e no teu caso? Sempre quiseste ser médica ou foi uma decisão mais recente?

LUÍSA MAYMONE:

Foi uma conjugação de fatores. Sempre gostei imenso de ciências, desde o 9.º ano, e tinha grande curiosidade pelo funcionamento do corpo

humano. Ao mesmo tempo, sempre senti uma forte vontade de ajudar o outro, de ter uma função de serviço. Portanto, foi uma mistura entre interesse científico e sentido de missão.

MARTA BRUM FEIJÃO:

E teres um exemplo tão forte na família, como o teu avô, influenciou-te?

LUÍSA MAYMONE:

Sem dúvida. Dá-me segurança saber que o meu avô também enfrentou desafios semelhantes. Isso faz-me acreditar que, se ele conseguiu ultrapassar as dificuldades, eu também serei capaz.

MARTA BRUM FEIJÃO:

É interessante ouvir-vos, porque a Medicina continua a exigir uma grande entrega pessoal. Sentem que hoje ainda se fala de vocação com a mesma naturalidade?

DR. FERNANDO MAYMONE:

Do contacto que fui mantendo ao longo da vida profissional, com colegas mais novos e também com internos, penso que a vocação continua viva no espírito da maioria. É claro que há quem se interesse por outros aspetos, como a carreira ou a remuneração, mas o sentido de serviço está presente em muitos profissionais, inclusive jovens. É verdade que há quem entre em Medicina apenas porque tem boas notas, mas acabam por perceber que, sem capacidade de atenção ao outro e sem verdadeira entrega, não resistem muito tempo no curso nem na prática. O aspeto vocacional acaba por se impor, e quem não o sente, dificilmente permanece na profissão.

LUÍSA MAYMONE:

Sim, concordo. Ainda que haja pressões — médias altas, muita competitividade —, sinto que a maioria dos meus colegas reconhece que ser médico implica um verdadeiro espírito de serviço e dedicação.

MARTA BRUM FEIJÃO:

E como sentem que a visão cristã influencia a motivação para seguir Medicina, seja durante os estudos, seja depois no exercício profissional?

LUÍSA MAYMONE:

Para mim, a perspetiva cristã ajuda a lembrar constantemente que estou a estudar para poder servir melhor o outro, para manter a dignidade do doente, independentemente do sofrimento por que esteja a passar. Mesmo quando as cadeiras são difíceis ou menos interessantes, penso sempre que aquele conhecimento poderá, um dia, aliviar a dor de alguém. Esta dimensão ajuda a manter o sentido do esforço, porque a Medicina não é apenas uma profissão técnica; é profundamente humana e de encontro pessoal, e isso corresponde, para mim, a uma vivência cristã.

DR. FERNANDO MAYMONE:

Concordo inteiramente. Mesmo em áreas menos “clínicas”, como a investigação ou a gestão hospitalar, nunca se perde o sentido de serviço ao outro. Há sempre um doente no fim do processo, alguém que beneficiará do nosso trabalho. No meu caso, também exerci cargos de chefia, menos ligados à prática clínica direta, mas sempre senti que, de alguma forma, isso acabava por influenciar positivamente a relação médico-doente e a forma como a equipa cuidava das pessoas. A vocação cristã encaixa-se de forma muito natural na Medicina, porque ambas assentam na atenção e no respeito pela dignidade da pessoa humana.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Falou-se muito em motivação e vocação. Na última edição da revista, refletimos precisamente sobre como os médicos católicos conseguem manter a motivação, porque a vocação é tão profundamente enraizada que não depende apenas de estímulos diários. Queria agora perguntar ao Dr. Fernando: olhando para os médicos mais novos que vão chegando, o que lhe transmitem? Esperança ou alguma incerteza?

DR. FERNANDO MAYMONE:

É uma boa pergunta. Tenho menos contacto direto com estudantes, mas interagi ao longo dos anos com internos e médicos em formação. Vejo neles motivação, sentido de serviço e vontade de progredir. Claro que as condições mudaram — há mais tecnologia, outros desafios — mas não sinto que os jovens tenham perdido o entusiasmo ou a capacidade de se dedicarem à Medicina como vocação. Diria que continuo a ter esperança, mesmo reconhecendo que há pressões diferentes hoje em dia.

LUÍSA MAYMONE:

Eu concordo. Apesar de sermos de gerações diferentes, acho que a motivação de ajudar permanece. Entre os meus colegas, vejo muita vontade de aprender, de servir e de cuidar.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Luísa, e no teu caso, o que te entusiasma mais para o futuro? E o que te assusta?

LUÍSA MAYMONE:

Entusiasma-me o desafio de poder resolver problemas concretos e, acima de tudo, sentir que ajudo alguém a melhorar a sua vida. Dá-me sentido de propósito. O que me assusta um pouco são algumas tendências políticas e culturais que, por vezes, podem pôr em causa valores fundamentais

— por exemplo, questões relacionadas com o aborto ou ideologias que banalizam a vida humana. Tenho receio de me deparar com situações em que a minha consciência seja posta à prova.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Percebo. E nesse sentido, achas que os jovens médicos podem ter um papel mais ativo na mudança do sistema de saúde?

LUÍSA MAYMONE:

Sim, sem dúvida. Acho que os médicos, sobretudo os médicos católicos, têm o dever de defender a dignidade do médico e do doente, e de lutar para que políticas que afetem negativamente a sociedade não avancem sem contestação. Devemos estar atentos e participar na vida pública, em associações, movimentos provida, iniciativas solidárias — tudo isso faz parte de uma responsabilidade cívica e ética.

DR. FERNANDO MAYMONE:

Concordo totalmente. A Associação dos Médicos Católicos tem sido, ao longo dos anos, um espaço importante de afirmação destes valores, e espero que continue a sê-lo, porque há cada vez mais desafios que nos interpelam. Quando comecei a estudar, não fazia ideia de que iria ser cardiologista pediátrico. Tudo foi acontecendo passo a passo, mas sempre com a preocupação de servir e de me manter fiel aos princípios cristãos.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Falando em desafios, como sentem que as novas tecnologias podem influenciar a relação médico-doente?

LUÍSA MAYMONE:

Penso que há o risco de a tecnologia, sendo tão facilitadora, nos afastar do contacto direto com o doente. O médico não se pode esconder atrás do ecrã; tem de manter a relação humana viva. A tecnologia é um apoio extraordinário, mas não substitui o olhar atento e a escuta empática.

DR. FERNANDO MAYMONE:

É verdade. A confiança do doente no médico é essencial para o sucesso do tratamento. E essa confiança constrói-se numa relação pessoal, não apenas técnica. Mesmo agora, estando reformado, mantenho contacto com pessoas que tratei desde crianças e que ainda hoje me pedem conselhos. Isso só foi possível porque houve uma relação de confiança construída ao longo do tempo.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Luísa, sentes que, na tua geração, ainda há espaço para cultivar essa relação humana?

LUÍSA MAYMONE:

Acredito que sim, embora seja fácil cair na tentação de depender em excesso dos algoritmos. Mas um médico que tenha consciência da sua vocação não perde de vista a pessoa que está à sua frente. O contacto pessoal continua a ser fundamental.

MARTA BRUM FEIJÃO:

E na vossa experiência académica, sentiram que houve espaço para falar de compaixão, dignidade humana e espiritualidade?

LUÍSA MAYMONE:

No meu curso, sim. Tivemos aulas de introdução à Medicina e de bioética, onde se enfatizou muito a dignidade humana, o respeito pela pessoa e o sentido de serviço. Mesmo sendo ainda uma fase muito teórica, senti que essa mensagem passa de forma clara.

DR. FERNANDO MAYMONE:

No meu tempo, havia a disciplina de Deontologia Médica, mas não era tão explícita quanto hoje. Complementava a minha formação participando na Juventude Universitária Católica, que me ajudou muito a aprofundar a dimensão humana da Medicina. Hoje penso que existe maior sensibilidade para estes temas, mas também cabe às associações estudantis e aos próprios alunos mantê-los vivos.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Luísa, há algo que admires especialmente na geração do teu avô e que gostarias de herdar?

LUÍSA MAYMONE:

Admiro a forma como se entregaram verdadeiramente ao serviço dos doentes, construindo relações de confiança ao longo de anos. Gostava muito de conseguir fazer o mesmo, que os meus futuros doentes confiem em mim e mantenham contacto, tal como os doentes do meu avô fazem até hoje.

MARTA BRUM FEIJÃO:

E, Dr. Fernando, sente que também os mais velhos têm algo a aprender com os mais novos?

DR. FERNANDO MAYMONE:

Sem dúvida. Há sempre troca. Os mais velhos transmitem experiência, mas os jovens trazem frescura, novas perspetivas e entusiasmo, que nos obrigam a refletir e a não nos acomodarmos. Essa interação entre gerações é muito enriquecedora e deve ser alimentada.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Para terminarmos, que mensagem deixariam a quem está agora a decidir se quer seguir Medicina?

LUÍSA MAYMONE:

Diria que tenham consciência de que é um curso exigente, que pede muito trabalho e muita entrega, mas que vale a pena. É preciso disponibilidade para colocar o outro em primeiro lugar, para aprender e depois para cuidar. A Medicina é fascinante porque nos revela a maravilha que é o ser humano, tão bem construído, e isso é uma descoberta constante.

DR. FERNANDO MAYMONE:

Acrescentaria que, mesmo quem descubra a meio do caminho que afinal não tem vocação, não deve sentir-se em culpa. Mas para quem fica, a Medicina é altamente gratificante, porque permite servir os outros e encontrar um sentido profundo para a sua vida profissional e pessoal.

MARTA BRUM FEIJÃO:

Muito obrigada aos dois. Foi uma conversa extraordinária.

LUÍSA MAYMONE:

Claro, obrigada.

DR. FERNANDO MAYMONE:

Um gosto, obrigado também.

Esta conversa, que nos aproximou de duas gerações unidas pela Medicina e pela fé, deixa-nos um desafio muito claro: sermos médicos “de verdade”. Médicos que não reduzam o doente a números, mas que o saibam olhar com compaixão e humanidade. Médicos que não se escondam atrás de ecrãs ou protocolos, mas que tenham a coragem de permanecer presentes junto de quem sofre. Médicos que não sacrifiquem a sua consciência aos ventos ideológicos, mas que acreditem que a vida tem um valor sagrado, inegociável.

A transmissão de valores entre gerações, que aqui se tornou tão evidente, recorda a alguns e ensina a outros, que ser médico não é apenas adquirir conhecimentos científicos: é cultivar um coração atento, pronto para ser posto ao serviço, disposto a aprender e a escutar.

Aos jovens — a nós, futuros médicos — cabe agora agarrar este testemunho com responsabilidade e esperança, conscientes de que, apesar das transformações tecnológicas e culturais, a essência do cuidar permanece intemporal. Que nunca falte a confiança de que, se colocarmos o outro em primeiro lugar, se nos guiarmos por princípios cristãos e por um profundo

respeito pela dignidade de cada pessoa, continuaremos a fazer da Medicina uma verdadeira vocação católica.

TESTEMUNHOS DO JUBILEU, DOS DOENTES E DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Edição e reflexões iniciais e finais: Marta Campos
Ferreira Brum Feijão

Testemunhos: Matilde Costa Cabral¹ e Manuel Guerra²

No contexto do Ano Jubilar da Esperança, a Igreja convidou todos os fiéis a renovar o seu compromisso com a dignidade da vida humana, num espírito de proximidade e serviço ao próximo. Entre as muitas iniciativas jubilares que decorreram em Roma, o Jubileu dos Doentes e dos Profissionais de Saúde representou um momento de profunda comunhão, oração e testemunho cristão. Foi uma ocasião especial para escutar e dar voz àqueles que, diariamente, acolhem a fragilidade da doença e colocam o seu saber e o seu coração ao serviço de quem sofre.

Neste artigo, reunimos dois testemunhos de jovens estudantes de Medicina da Universidade Católica Portuguesa, que participaram neste encontro jubilar e partilharam connosco as suas vivências. Matilde Costa Cabral e Manuel Guerra relatam de forma sentida a experiência de peregrinar até Roma, de rezar com o Papa Francisco e de celebrar a fé em comunhão com profissionais e doentes de todo o mundo. As suas palavras ecoam não apenas a alegria de ter estado junto do Santo Padre, mas sobretudo o significado profundo de viver a vocação médica como resposta a um chamamento de Deus.

1 Estudante do 3.º ano do Mestrado Integrado em Medicina da Universidade Católica Portuguesa, responsável do NEC e chefe de oração da Missão País da faculdade, representando o NEC da CMS junto da Associação dos Médicos Católicos Portugueses.

2 Estudante do 3.º ano do Mestrado Integrado em Medicina da Universidade Católica Portuguesa, membro ativo do Núcleo de Estudantes Católicos e chefe geral da Missão País da faculdade.

Estes testemunhos são particularmente relevantes numa época em que a Medicina atravessa enormes desafios, seja pela crescente complexidade técnica e científica, seja pelas tensões éticas e morais que se colocam aos profissionais de saúde, confrontados com decisões difíceis e, por vezes, contrárias aos valores cristãos. O testemunho destes jovens mostra-nos que há esperança: que ainda existem corações disponíveis para servir, para defender a dignidade da vida, para viver a Medicina como autêntica missão de amor ao próximo.

Através do relato da Matilde e do Manuel, fica também patente a importância de não caminhar sozinho. A fé partilhada, a comunhão fraterna e a oração conjunta tornam-se fonte de força e ânimo, especialmente para quem está a iniciar o percurso académico e profissional. Este Jubileu mostrou-lhes — e mostra-nos a todos — que, na Igreja, cada vocação tem um lugar, e que a Medicina, quando iluminada pela fé, se transforma num testemunho de caridade concreta e de esperança viva.

Esperamos que estas histórias inspirem todos os leitores da *Ação Médica*, em particular os médicos mais jovens, a quem se dirige esta edição a permanecerem firmes na sua vocação, conscientes de que são chamados não apenas a tratar doenças, mas a cuidar de pessoas dotadas de uma dignidade única. Que possam, tal como a Matilde e o Manuel, ser sinais da ternura de Deus no meio do sofrimento humano.

Testemunho Matilde Costa Cabral

Em abril deste ano, tive a graça e a oportunidade de participar, juntamente com catorze alunos da Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa, no Jubileu dos Doentes e dos Profissionais de Saúde, em Roma. Organizámo-nos para viver este ano jubilar da Esperança em oração pela nossa vocação, pela de todos os profissionais de saúde e, em especial, pelos doentes que todos os dias enfrentam a vulnerabilidade da doença e confiam em nós.

Nesse fim de semana, reunimo-nos na Praça de São Pedro, no Vaticano, e celebrámos Missa com alunos, profissionais de saúde e doentes de todo o mundo, num verdadeiro espírito de comunhão. Na homilia foram lidas palavras do Papa Francisco que nos lembraram: *“a experiência da doença, de nos sentirmos frágeis, de depender dos outros (...) é uma escola onde aprendemos todos os dias a amar e a deixarmo-nos amar”*. Estas palavras tocaram-me muito, pois serviram de ponte para refletir sobre a fragilidade da vida humana e em como nós, médicos, somos chamados a zelar por essa vida, acolhendo com respeito e compaixão a confiança que nos é depositada.

Na Ação de Graças, ainda em oração depois de termos recebido Jesus na Eucaristia, o nosso querido Papa Francisco apareceu à janela pela primeira vez depois do seu longo internamento, deixando a multidão emocionada e comovida. Houve um sentimento geral de alegria e gratidão por podermos ver o Santo Padre, também ele tão recentemente doente e vulnerável, testemunhar a sua própria recuperação. Esse momento aproximou-nos ainda mais dele e tornou profundamente significativas as suas palavras sobre a fragilidade e o cuidado.

Durante o meu percurso académico em Medicina, especialmente sendo católica, tenho-me deparado e questionado sobre determinados assuntos em que a resposta mais socialmente aceite diverge dos valores fundamentais que procuro seguir. Pergunto-me se, quando for confrontada com estas situações, saberei ser firme e corajosa para defender a dignidade da vida humana. Este fim de semana com tantos colegas e profissionais de saúde encheu-me de confiança e esperança, mostrando-me que não estou sozinha neste caminho de discernimento ético e moral, e que há muitos outros que partilham estas inquietações e valores.

Ao viver de acordo com a fé e ao cuidar com os meus dons e capacidades, espero poder ser, no futuro, um verdadeiro instrumento de Deus, levando a Sua consolação a todos aqueles que a procuram através do nosso cuidado. O Jubileu ajudou-me a olhar para os meus estudos de forma renovada. Já não estudo apenas para compreender doenças ou passar exames, mas preparo-me para um dia receber uma pessoa, com toda a sua história, as suas dores e a sua dignidade. Quero canalizar o meu conhecimento para prestar uma Medicina humana, empática, que trate cada doente como um filho amado de Deus.

Nestes dias, percebi ainda mais claramente que a formação académica e técnica não pode estar desligada da formação humana e espiritual. A fé dá sentido ao nosso serviço e recorda-nos que a Medicina é, acima de tudo, um encontro de corações, onde a escuta, a presença e o carinho são tão importantes como o diagnóstico e a terapêutica. É este equilíbrio que quero cultivar ao longo de todo o meu caminho como futura médica, e que espero transmitir também a outros colegas e amigos que se sintam, como eu, chamados a servir com amor.

Testemunho Manuel Guerra

Nos dias 4, 5 e 6 de abril tive a graça de participar no Jubileu dos Enfermos, em Roma, numa atividade promovida pelo grupo do NEC (Núcleo de Estudantes Católicos) da Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa. Desde o momento em que soube da

existência desta iniciativa, senti que não podia deixar de estar presente. Sendo um jubileu ligado à área da saúde, fez todo o sentido participar, não apenas como estudante de Medicina, mas como jovem católico que procura integrar a fé no caminho acadêmico e profissional.

Embora a viagem tenha sido organizada com alguma pressa, devido às exigências do calendário acadêmico, não deixou de ser uma experiência repleta de significado, profundamente marcante e espiritualmente enriquecedora, cheia de vivências que permanecerão comigo. O que mais me tocou durante esta peregrinação foi ver, ao lado de outros estudantes de Medicina, tantos dos meus pares, que, assim como eu, partilham a mesma fé. Celebrar a nossa crença, rodeado de amigos e colegas, foi algo verdadeiramente único. Senti que a nossa vocação como médicos vai além daquilo que fazemos no consultório ou no hospital, e a necessidade de a praticarmos no nosso dia a dia.

Durante a nossa estadia, tivemos a oportunidade de fazer a peregrinação até à Porta Santa da Basílica de São Pedro, bem como de atravessar a Porta Santa da Basílica de Santa Maria Maior. Foi a minha primeira vez em ambas estas basílicas, e fiquei verdadeiramente impressionado com a sua beleza, a grandiosidade do espaço e o detalhe artístico e espiritual que cada canto transmite. Senti ali uma presença viva da fé, algo que me tocou de forma indescritível.

Um dos momentos mais comoventes foi assistir à missa na Praça de São Pedro, no domingo de manhã. No final da celebração, tivemos ainda o privilégio de ver uma das últimas aparições públicas do Papa Francisco. Recordo com emoção a comoção da multidão, os olhos molhados de lágrimas e a longa salva de palmas que ecoou pela praça. Na altura não sabíamos que aquele momento viria a ser uma despedida. Foi, sem dúvida, um instante de profunda comunhão e gratidão pelo testemunho deste Santo Padre. A emoção coletiva da multidão na praça, unida numa oração e num sentimento de esperança, deixou uma marca profunda em mim. Foi como que um lembrete de como a fé nos une, mesmo em momentos de despedida.

Esta experiência em Roma não foi apenas uma viagem ou um evento pontual. Foi, acima de tudo, um momento de introspeção que me ajudou a fortalecer a minha fé e a repensar o meu papel enquanto futuro médico católico. A compaixão, o serviço e a dignidade humana são valores que a fé me ensina e que quero levar comigo para a prática clínica. O Jubileu dos Enfermos fez-me compreender melhor que, no mundo da saúde, Deus também quer estar presente, através das nossas mãos, do nosso olhar, das

nossas palavras e da nossa escuta. Quero ser um médico próximo de Deus, que vive a profissão como vocação, com humildade, com alegria e com espírito de missão.

A convivência com os meus colegas e amigos neste ambiente espiritual fortaleceu ainda mais o sentido de comunidade que partilhamos, tanto na faculdade como na vida de fé. Foi uma oportunidade única de crescimento conjunto, de aprender a viver a nossa profissão de forma mais profunda e com um sentido ainda mais claro de missão.



RUBRICAS

SANTO DA REVISTA

O Venerável Guido Schaffer: Testemunho pela voz da irmã

Angela Schaffer Isnard¹

Em 1993 Guido ingressou na faculdade de medicina Souza Marques e eu me casei. Mesmo residindo em outro bairro nos encontrávamos semanalmente para tomar um café juntos à tarde, ou no almoço aos sábados na casa de nossos pais.

Como era bom estar com Guido! Dialogávamos sobre Deus e sobre nossas vidas. Eu gostava muito de ouvir suas partilhas: o aprendizado da medicina, os estágios profissionais, o namoro, o Grupo de Oração, os trabalhos pastorais e as maravilhas que ele via Deus operar na vida de inúmeras pessoas através de seu trabalho. Por fim, a vocação sacerdotal.

Posso dizer que sendo sua irmã mais velha aprendi muito com ele, pois suas palavras eram sempre cheias do Espírito Santo e edificantes.

Dos tempos de faculdade de medicina me saltam algumas características de Guido: a vontade de estar continuamente aprendendo; o desejo e a capacidade de acertar os diagnósticos; a humildade em reconhecer seus limites e pedir ajuda.

1 Advogada e investigadora, irmã do Venerável Guido Schaffer, dedicada ao estudo de figuras espirituais e movimentos católicos contemporâneos. Tem desenvolvido trabalho de divulgação sobre a vida e o legado espiritual do seu irmão, colaborando em iniciativas ligadas à promoção da espiritualidade cristã e à causa de canonização.

Por querer continuamente aprender para ajudar aos pacientes, frequentou um estágio no Hospital Evandro Chagas, Fiocruz, especializado no tratamento de pacientes com AIDS (SIDA).

Nossa geração viu surgir esta doença, que fez muita gente sofrer e morrer. No Brasil um exemplo que nos marcou foi o do cantor Cazuza.

Em 1996, quando Guido estava na faculdade, passou a ser utilizado no Brasil o tratamento com o coquetel antirretroviral, permitindo aos infectados com o HIV uma vida mais longa e com maior qualidade. Para tanto começar o tratamento cedo é crucial. Por isso, Guido buscou este estágio, para conhecer os sintomas da doença e saber tratá-la.

No entanto, Guido observava em seu estágio na Santa Casa pacientes vindos de outras clínicas médicas em estágio já avançado da doença, sem que os médicos sequer tivessem pedido um exame de sangue.

Certa vez me contou ter recebido um paciente que era tratado por médicos do plano de saúde há mais de ano de uma faringite que não se curava. Observou na pele do paciente as marcas do sarcoma de Kaposi. Conversando com o paciente percebeu que ele estava num dos grupos de risco para a doença – a exemplo de nosso pai também médico, Guido dava grande valor à anamnese. Imediatamente pediu que aquele paciente realizasse um exame de sangue, que confirmou que aquele paciente era portador do HIV.

Infelizmente pelo tempo perdido antes do diagnóstico correto, ele não se beneficiaria mais do tratamento.

Neste mesmo estágio no Hospital Evandro Chagas ocorreu um fato até engraçado e que nos mostra a humildade de Guido. Chamado pela médica supervisora para assistir uma punção lombar, desmaiou ao ver o líquido retirado da coluna. Acordou numa maca ao lado do paciente que o consolava: “Doutor, no começo é assim mesmo”.

No começo da faculdade de medicina de fato Guido passava mal ao ver sangue.

Como bom surfista, acostumado a enfrentar medos e desafios, pediu que nossa mãe o ajudasse com suas orações. Ela e um sacerdote amigo rezaram por ele. Guido superou o medo inicial, aprendendo a fazer a punção da lombar e concluindo seu estágio em AIDS.

E aproveitando que citei aqui este pedido de oração à mãe, quero esclarecer que para Guido, e posso dizer que para mim e também para nosso irmão Maurício, nossa mãe sempre foi uma referência na fé.

Ela participava do Grupo de Oração Bom Pastor, que faz parte de uma Nova Comunidade com mesmo nome, sediada na Paróquia Nossa

Senhora de Copacabana. Com ela Guido frequentava o grupo de oração, onde aprendeu a importância da leitura orante da Palavra de Deus.

Ao concluir a faculdade em 1998, recebeu o chamado do Padre Jorjão (Cônego Jorge Luís Neves de Souza) para formar um grupo de oração para jovens, na Paróquia Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Preocupado por estar atarefado com as provas para residência médica, rezou e disse ter ouvido Deus lhe dizer para aceitar o chamado do padre, que cuidaria de sua medicina. Assim foi que fundou o Grupo Fogo do Espírito Santo e passou para residência médica na Santa Casa da Misericórdia, atuando nas 4ª e 20ª Enfermarias, sob a supervisão dos professores Clementino Fraga Filho e Milton Arantes.

Após a morte de Guido, em homenagem realizada a ele na Santa Casa, a 23 de setembro de 2009, o Professor Clementino Fraga Filho, assim escreveu: “Em todo o tempo, dava testemunho de sua fé, no seu proceder irrepreensível com os outros. Vivia conforme os valores cristãos da cordialidade, temperança, caridade e justiça.”

Durante o tempo de residência médica conheceu a obra das Missionárias da Caridade, cuja casa no Centro do Rio, se situa na Lapa e oferece refeições, banho, corte de cabelo e barba, para pessoas em situação de rua.

Guido ofereceu ali seu trabalho como médico voluntário e passou a atender semanalmente aqueles que o procuravam. Nestes atendimentos não só buscava tratar da saúde física como espiritual das pessoas.

Num de nossos cafés da tarde, ele me contou com os olhos brilhando sobre um “irmão de rua” que, após ter chegado ao fundo do poço, por conta de seu vício em álcool, o procurou para uma conversa. Conversaram longamente e ao final, Guido rezou por ele. O homem buscou o tratamento para o alcoolismo junto à Comunidade Emaús.

Após um longo período sem vê-lo, um dia este homem retornou para agradecer. Não mais com a aparência de um mendigo, mas um homem bem arrumado, de cabelo e barba feitos, tinha conseguido retomar seu emprego e sua dignidade.

Tudo isso, era a obra de Deus na vida daquele homem e Guido se sentia feliz de ver Deus agindo nas pessoas e de poder ser ele o canal da graça.

Pouco tempo depois, Guido foi chamado a atuar também na Pastoral da Saúde da Santa Casa da Misericórdia, levando a Palavra de Deus aos enfermos e os convidando a participar dos sacramentos, notadamente confissão, eucaristia e unção dos enfermos.

Quando Guido partilhava comigo sobre este trabalho pastoral eu percebia seu amor pelos pacientes e seu encantamento pela forma como Deus

agia na vida deles. Alguns encontraram a cura, como uma senhora que tinha uma paralisia nas pernas, e que ao rezar o terço viu Nossa Senhora tocar em suas pernas e no dia seguinte andou. Outros a conversão como um homem que trabalhara como chefe da prostituição em Copacabana e após frequentar as reuniões da pastoral resolveu mudar de vida. Outros por fim, já estavam próximos da morte e ao ouvir a palavra de Deus, proclamada por Guido encontraram ali o sentido da vida e partiram tendo recebido os sacramentos.

Creio que tudo isso fez Guido perceber a urgência de evangelizar. Ele repetia: “Deus tem pressa”!

Tendo lido a vida de São Francisco, no livro “O Irmão de Assis”, percebeu que desejava a exemplo de São Francisco ser livre para pregar o Evangelho, momento em que se clareou para ele a vocação sacerdotal. Isso ocorreu no Ano Santo de 2000.

Neste mesmo ano, peregrinou na companhia de nossos pais, a Roma e a alguns santuários na Europa, entre eles o de Fátima, Portugal. Foi em Fátima, que revelou a nossos pais o desejo de se tornar sacerdote.

Retornando ao Rio de Janeiro, foi orientado por Dom Karl Joseph Romer em sua vocação. Concluiu a residência médica e iniciou o trabalho em clínica particular, antes de ingressar na faculdade de filosofia. Após, ao ingressar na faculdade de filosofia para se preparar para o sacerdócio, abandonou a medicina remunerada, que lhe tomaria o tempo que queria empenhar na faculdade de filosofia e depois teologia. Contudo, prosseguiu no trabalho médico voluntário já que como orientado pelo bispo este trabalho não era incompatível com o sacerdócio. Ao contrário unindo os dois conhecimentos Guido poderia prestar um grande serviço à Igreja e ao próximo.

Por fim, quis o Bom Deus chamar o Guido para mais perto de Si, motivo pelo qual num acidente durante o surf Guido sofreu uma contusão na nuca e se afogou, morrendo logo após. O que ocorreu em 1 de maio de 2009.

A dor da separação prematura é muito forte. Sempre sentirei a saudade da possibilidade de um café da tarde ou de um almoço, no qual o principal alimento terminava por ser o encontro com meu irmão e com Deus através de suas palavras e testemunhos.

Mas não posso deixar de louvar ao Senhor, porque se muito me encantei com Sua ação na vida dos homens tendo Guido como canal de Sua graça em seus trabalhos pastorais, muito mais me encanto agora com os diversos relatos de conversões, vocações e graças alcançadas pela intercessão dele – o

Venerável Guido. Agora suas palavras que me edificavam e seu exemplo de vivência das virtudes cristãs, são compartilhados não só com seus familiares e amigos, mas ao redor do mundo.

Espero com estas breves palavras ter apresentado um pouco da vida do Venerável Guido, da forma como a testemunhei. Àqueles que desejarem conhecer mais sugiro uma visita ao site: <https://guidoschaffer.com.br/>

ACÇÃO MÉDICA HÁ CINQUENTA ANOS

Walter Osswald ¹

○ número 2 do ano 39º da nossa revista, relativo a Junho de 1975, é dedicado ao tema “A qualidade da vida”, que então, como hoje, é fácciosamente invocado para justificar atentados contra a vida, como o aborto e a eutanásia. De entre os textos que aí se encontram publicados, parece-me de particular relevo e actual interesse o da Conferência proferida pelo Professor Carlos Chagas, que durante dezoito anos foi presidente da prestigiada Academia Pontifícia das Ciências, em fala dirigida ao Sínodo dos Bispos (Outubro de 1974). Lembremos que Carlos Chagas era filho do médico, investigador e mestre da saúde pública brasileira, de quem herdou o nome. O pai, doutor honoris causa pelas Universidades de Harvard e Paris, foi o descobridor da doença que depois levou o seu nome, embora ele sempre lhe chamasse tripanossomíase brasileira. O filho, também professor de Medicina, foi um notável investigador biofísico, usando como modelo o peixe eléctrico brasileiro. Católico convicto, o texto que ora focamos representa uma reflexão de elevada importância na sempre de novo visitada área do significado e importância do progresso da ciência para o futuro da humanidade. De notar que Chagas acaba por cobrir uma enorme área de debate em torno das questões que os indiscutíveis progressos da técnica e da ciência vieram trazer à perspectiva da realização integral do ser humano e da sua relação com a espiritualidade e a religião. A defesa da ciência feita com ética e responsabilidade como factor de crescimento e

¹ Professor aposentado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Consultor do Instituto de Bioética da Universidade Católica do Porto.

de libertação humana não pressupõe uma supressão ou enfraquecimento da sua ligação transcendental; o cristão deve empenhar-se na defesa da ciência que se encontra ao serviço do homem integral e de uma sociedade verdadeiramente humana.

Neste aspecto, são referidas as investigações que conduzam a um aumento da disponibilidade de alimentos, da produção de energia alternativa, dos medicamentos e do funcionamento do sistema nervoso e da psique.

O problema da fome e da população é tratado pelo Arcebispo de Vancouver, D. Jaime Carney, com notável equilíbrio e respeito pelas convicções, tantas vezes erróneas, sobre alegada escassez de alimentos como consequência de uma sobrepopulação.

Rafael Guijarro e Paul Chauchard dedicam os seus contributos às ideologias em voga nessa ocasião e à droga como doença.

De Enrique de Diego é uma proposta para melhorar as condições de trabalho, encerrando-se a revista com as habituais sessões de Informações e Documentos. Um breve obituário lembra a figura do Professor Lobato Guimarães, falecido em trágico acidente.



RESUMOS

MISSÃO PAÍS: UMA LUZ DE ESPERANÇA PARA OS JOVENS MÉDICOS	7
Pe. Miguel Cabral	

Neste testemunho, o Pe. Miguel Cabral, sacerdote e médico, partilha a sua experiência enquanto assistente espiritual da Missão País na Faculdade de Medicina da Universidade Nova de Lisboa. Descreve como, ao longo de sete anos, acompanhou centenas de jovens universitários que, durante uma semana missionária, redescobrem a alegria e a profundidade da fé cristã, transformando as suas vidas e a forma de olhar a vocação médica. O autor sublinha o impacto desta iniciativa na formação humana e espiritual dos futuros médicos, apontando-a como um verdadeiro sinal de esperança num contexto de crescente secularização e desafios éticos complexos.

A IMPORTÂNCIA DA EMPATIA NOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE	11
António Marques da Costa	

Neste artigo, António Marques da Costa explora a importância essencial da empatia na prática médica, recorrendo a uma análise qualitativa realizada na Universidade de Flinders (Austrália) como ponto de partida para reflexão. O autor sublinha que a empatia transcende números e estudos estatísticos, constituindo um traço profundamente humano, indispensável ao bom relacionamento clínico e ao sucesso terapêutico. O texto evidencia como os estudantes de medicina, inicialmente muito empáticos, tendem a perder esta capacidade ao longo da formação, afetados pelo stress, pelo ensino técnico e pela falta de modelos empáticos. Esta erosão da empatia tem repercussões negativas no vínculo médico-doente e no rigor da história clínica. A empatia, recorda o autor, não é um procedimento técnico, mas uma atitude interior que diferencia

verdadeiramente o ser humano e que deve ser cultivada ao longo de toda a vida profissional.

FIAMC LETTER TO MEDICAL STUDENTS AND YOUNG
PHYSICIANS 17

John I. Lane

Nesta carta dirigida a estudantes de Medicina e jovens médicos católicos, o Dr. John I. Lane, Vice-Presidente da FIAMC, reflete sobre os desafios contemporâneos da formação e do exercício da Medicina. Inspirando-se na tradição universitária cristã e na noção do *Imago Dei*, o autor alerta para a erosão dos fundamentos filosóficos e teológicos da ciência moderna, defendendo a necessidade de recuperar uma visão integrada da razão e da fé. Sublinha ainda a importância de cultivar a excelência técnica aliada a uma antropologia cristã, para servir verdadeiramente o doente e preservar a dignidade humana. A carta constitui um apelo ao compromisso, à oração e à comunhão entre médicos católicos, para resistirem às pressões culturais e manterem viva a vocação cristã no mundo da saúde.

O FUTURO DA MEDICINA NAS MÃOS DOS JOVENS —
ESPERANÇA OU INCERTEZA? 21

Entrevistadora: Marta Campos Ferreira Brum Feijão

Entrevistados: Dr. Fernando Maymone e Luísa Maymone

Neste diálogo intergeracional promovido pela *Ação Médica*, exploram-se as perspetivas sobre o futuro da Medicina, num momento em que os jovens se preparam para assumir maiores responsabilidades na profissão médica. Através de uma conversa entre o Dr. Fernando Maymone, cardiologista pediátrico reformado e membro ativo da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, e a sua neta, Luísa Maymone, estudante do primeiro ano de Medicina, aborda-se a relevância da vocação, da motivação cristã e da preservação da relação médico-doente num contexto de crescente digitalização. Moderada por Marta Campos Ferreira Brum Feijão, a entrevista reflete sobre a importância de manter os valores fundamentais da Medicina e do serviço ao próximo, transmitindo uma mensagem de esperança para as novas gerações de médicos.

TESTEMUNHOS DO JUBILEU DOS DOENTES E DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE29

Edição e reflexões iniciais e finais: Marta Campos Ferreira Brum Feijão

Testemunhos: Matilde Costa Cabral e Manuel Guerra

Este artigo reúne os testemunhos de dois jovens estudantes de Medicina, Matilde Costa Cabral e Manuel Noites Guerra, que participaram no Jubileu dos Doentes e dos Profissionais de Saúde em Roma. Partilhando as suas experiências de peregrinação, oração e reflexão, estes futuros médicos relatam de forma sentida o impacto espiritual e humano desta vivência, que reforçou neles o desejo de integrar a fé cristã no caminho académico e na prática clínica. Através das suas palavras, emerge uma visão de esperança para o futuro da Medicina, alicerçada na dignidade da pessoa, na compaixão e no serviço ao próximo, valores que se revelam ainda mais atuais no contexto da saúde contemporânea.



ABSTRACTS

MISSÃO PAÍS: UMA LUZ DE ESPERANÇA PARA OS JOVENS
MÉDICOS7
Pe. Miguel Cabral

In this testimony, Father Miguel Cabral, a priest and physician, shares his experience as spiritual assistant of Missão País at the Faculty of Medicine of Universidade Nova de Lisboa. Over seven years, he has accompanied hundreds of university students who, during a week-long mission, rediscover the joy and depth of Christian faith, transforming their lives and their understanding of the medical vocation. The author highlights the impact of this initiative on the human and spiritual formation of future doctors, presenting it as a true sign of hope in a society facing growing secularisation and complex ethical challenges.

A IMPORTÂNCIA DA EMPATIA NOS PROFISSIONAIS
DE SAÚDE | |
António Marques da Costa

In this article, António Marques da Costa discusses the essential importance of empathy in medical practice, using a qualitative study conducted at Flinders University (Australia) as a starting point for reflection. The author emphasizes that empathy goes beyond statistics or research data, representing a profoundly human quality indispensable for a successful doctor–patient relationship and therapeutic success. The text highlights how medical students, initially very empathetic, tend to lose this capacity throughout their training, affected by stress, technical education, and the lack of empathetic role models. This erosion of empathy negatively impacts trust, the clinical interview, and ultimately diagnosis and treatment. The author reminds us that empathy is not a technical procedure but an inner attitude that truly distinguishes human beings and should be nurtured throughout the entire professional life.

FIAMC LETTER TO MEDICAL STUDENTS AND YOUNG
PHYSICIANS 17
John I. Lane

In this letter addressed to medical students and young Catholic physicians, Dr. John I. Lane, Vice President of FIAMC, reflects on the contemporary challenges in medical education and practice. Drawing inspiration from the Christian university tradition and the concept of the *Imago Dei*, the author warns about the erosion of philosophy and theology as foundations of modern science, arguing for a renewed integration of reason and faith. He highlights the need to combine technical excellence with a Christian anthropology to truly serve patients and uphold human dignity. The letter is a call for commitment, prayer, and communion among Catholic doctors, encouraging them to withstand cultural pressures and keep their Christian vocation alive within healthcare.

○ FUTURO DA MEDICINA NAS MÃOS DOS JOVENS
— ESPERANÇA OU INCERTEZA? 21
Entrevistadora: Marta Campos Ferreira Brum Feijão
Entrevistados: Dr. Fernando Maymone e Luísa Maymone

This intergenerational dialogue, promoted by *Acção Médica*, explores perspectives on the future of medicine during a time when younger generations are preparing to take on greater responsibilities within the medical profession. A discussion between Dr. Fernando Maymone, retired paediatric cardiologist and active member of the Portuguese Catholic Doctors Association, and his granddaughter, Luísa Maymone, a first-year medical student, highlights the importance of vocation, catholic motivation, and preserving the doctor–patient relationship in an increasingly digitalised context. Moderated by Marta Brum Feijão, the interview reflects on the fundamental values of medicine and service to others and how those should be maintained, conveying a message of hope for the new generation of doctors.

TESTEMUNHOS DO JUBILEU, DOS DOENTES E
DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE 29
Edição e reflexões iniciais e finais: Marta Campos Ferreira Brum Feijão
Testemunhos: Matilde Costa Cabral e Manuel Guerra

This article brings together the testimonies of two young medical students, Matilde Costa Cabral and Manuel Noites Guerra, who took part in the Jubilee of the Sick and Healthcare Workers in Rome. Sharing their experiences of pilgrimage, prayer, and reflection, these future doctors describe how this spiritual and human encounter strengthened their desire to integrate Christian faith into their academic journey and clinical practice. Through their words, a hopeful vision emerges for the future of medicine, grounded in human dignity, compassion, and service to others — values that remain profoundly relevant in today’s healthcare context.

“Ninguém te despreze por seres jovem, mas torna-te modelo para os fiéis, na palavra, na conduta, na caridade, na fé e na pureza.”

(1 Tim 4,12)



ACÇÃO
MÉDICA

PREÇO: 7,00€